

Antonio Teodoro dos Santos

A SEREIA DO MAR NEGRO



ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS



A

Sereia do Mar Negro

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 93-1374
SÃO PAULO - 6

2
ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS

A SEREIA DO MAR NEGRO



Ninguém se queixe da sorte
Que morada ela não tem
Às vêzes pode baixar
Na casa dum João Ninguém
Afugentando a miséria
Deixando a estrêla do bem.

Era um casal pobrezinho
Que vivia numa aldeia
Do qual nasceu um filhinho
Lindo como a papa-ceia
Trouxe a sorte de monarca
Espôso de uma sereia.

Era tão pobre essa gente
Que não achava padrinho
P'ra dar o santo batismo
Ao seu amado filhinho
Foi o jeito oferecê-lo
A um mendingante velhinho.

O velhinho respondeu-lhes:
 — Batizo de coração
 Disto só tenho um pesar:
 Não posso dar proteção
 Mas vou dar, de todo gosto
 Para êle êste tostão!

Foi guardado êsse dinheiro
 Com muito gosto e carinho
 O menino foi crescendo
 Já estava rapazinho
 Quando chega à sua porta
 Com um cavalo, outro velhinho.

— Quer comprar êste cavalo?
 O velho lhe interrogou
 — Por quanto o senhor o vende?
 O rapaz lhe perguntou
 — Pelo que você possui
 Êste animal eu lhe dou!

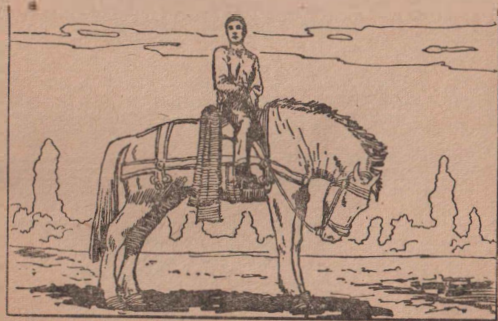
O rapaz disse: — Senhor
 Eu só possuo um tostão
 O senhor disse que dá
 Pelo que eu tenho na mão
 Se garantir a palavra
 Não adianta questão.

O velho disse: — Garôto,
 Minha palavra é um tiro
 Já disse, digo e sustento
 O prejuízo prefiro
 Do que dizer uma coisa
 Depois tomar outro giro.

Pega o jovem seu cavalo
 Saltando de alegria
 Fêz o seu plano de noite
 Quando foi no outro dia
 Participou a seus pais
 Que viajar pretendia.

Êles assim perguntaram:
 — Joãozinho, qual é teu norte?
 Ele disse: — Pelo mundo
 Trei em busca da sorte
 Montado no meu cavalo
 Não quero melhor transporte.

Ambos bastante choraram
 Mas não puderam privá-lo
 Ele sumiu na estrada
 No lombo de seu cavalo
 Que de longe se ouvia
 No pedregulho o estalo.



Nos três dias de viagem
Em uma verde campina
Aonde o Divino Mestre
Dera a côr esmeraldina
Bordado o campo de flôres
E o céu de pura anilina.

Joãozinho ia descuidado
Naquele belo lugar
Porém ouviu de repente
O seu cavalo falar
Dizendo: — Joãozinho, ouça
Tudo que vou lhe explicar.

Veja: quando eu tropeçar
Você desça bem ligeiro
O que eu levantar dos cascos
É um condão verdadeiro
Pegue e guarde com cuidado
Não é presente agoureiro.

Certo é que no comêço
Você terá que sofrer
Mas tôda dor tem alívio
Como se ouve dizer
Todos os grandes perigos
Você há de resolver.

Naquilo o dito cavalo
Quase quebra o cabilouro
Troveçando numa pedra
A pedra deu um estouro
Aparecendo da areia
Bonita pena de ouro.

Joãozinho saltou no chão
Ligeiro pegou a pena
Embrulhou num lenço branco
Pôs na algibeira pequena
Porecia tão macia
Como as flôres da verbena.

O cavalo viajou
Sem dismantelar o jôgo
Dizendo: — Joãozinho, agora
Você é um pedagogo
Tens a pena milagrosa
Do grande Pássaro de Fogo!

Não tardou muito chegaram
Em uma grande cidade
Passando junto ao castelo
Da imperial majestade
O soberano falou-lhe
Com gesto de amizade:

— Belo moço, aonde vais,
Nesse cavalo tão forte?
Ele disse: — Majestade,
Vou aventurar a sorte
Deus há de me proteger
Seja no Sul ou no Norte!

O rei disse: — Por acaso
Já que não tens compromisso
Não quererias ficar
No reino e no meu serviço?
Você tem bela aparência
Eu só lhe falo porisso!

Joãozinho disse ao monarca:
— Eu fico com a majestade
Preciso de trabalhar
Pois tenho necessidade
Peço a Deus que me ajude
Fazer o que vos agrade.

O rei disse: — O seu trabalho
É serviço de cocheira
Zelando de meus cavalos
Escovando de maneira
Que não se ache uma nódoa
Dando ração de primeira.

Varrer bem a manjedoura
Três vêzes diariamente
O banho nos animais
Sendo cuidadosamente
Depois borrifar perfume
Madeira do Oriente.

Joãozinho entrou em serviço
Zelando dos animais
Zelava também do seu
Que engordava mais e mais
Era mais na boniteza
Do que os potros reais.

Nos trinta dias que êle
Dêses cavalos tratava
Os animais melhoraram
De forma que admiravam
O rei dizia que João
Era quem o agradava.

Um empregado invejoso
Disse: — Só sendo mistério
Nós trabalhamos igual
A êsse que se julga sério
Êle além de ser novato
Agrada mais ao império.

João pernoitava junto
Com os animais de seu amo
A fim de êles não quebrarem
De pêso apenas um gramo
E afugentar pernilongos
Que murigoca eu os chama.

Logo à boquinha da noite
Escondeu-se o invejoso
Num feixe de capim verde
Que havia naquele pousio
A fim de ver se Joãozinho
Era algum misterioso.

Mais tarde Joãozinho entrou
E os cavalos penteava
Com sua pena de ouro
Que grande prodígio dava
Era um brilho tão intenso
Que à cocheira iluminava.

O sujeito observava
Tudo quanto se passou
Quando João adormeceu
Êle ligeiro furtou
A linda pluma de ouro
Para o monarca a levou.

O monarca vendo a pena
E com tôda informação
Disse: — Joãozinho merece
Uma grande punição
Porque escondendo a pena
Faltou-me com atenção.

E logo mandou chamar
O inocente João
Dizendo: — Tu só merceas
É levar pea na mão
Pois a pena ocultavas
Do teu rei e teu patrão.

Ele disse: — Majestade
Não pensei que era errado
Essa pena foi achada
Num lugar muito afastado
E tem servido bastante
Ao vosso grande reinado.

Disse o rei: — Só te perdão
Se me buscares primeiro
O Passarinho de Fogo
Nem que seja no estrangeiro
Se uma pena é bela assim
Quanto mais o pássaro inteiro!

João voltou à estrebaria
Aonde estava seu cavalo
Que o vendo assim aflito
Tratava de consolá-lo
Dizendo: — O Pássaro de Fogo
Nós temos que encontrá-lo.



Peça ao rei que ele lhe dê
Uns grãos de trigo de ouro
Muitíssimos fios de sêda
Um bom alforge de couro
Com muita comedoria
Que a viagem é um estouro.

Ele foi e disse ao rei:
— Meu senhor, vou lhe pedir
Uns grãos de trigo de ouro
Comida p'ra me servir
Diversos fios de sêda
Que a ave terá de vir.

Depois de tudo arrumado
João montou no seu cavalo
Não precisava bater
Pois ele era como ralo
E do lado que era liso
Nem mesmo esporão de galo.

Dois dias e duas noites
Viajaram sem parar
Avistaram uma montanha
Antes da beira do mar
Era a Colina de Ouro
Tão bela de abismar.

Ali havia uma fonte
Bem no cume da colina
Era lagoa encantada
D'água doce e cristalina
Onde as aves se banhavam
Pelas noites de neblina.

Antes de descer a noite
João espalhou os grãosinhos
Fêz uma rêde dos fios
Unidos e tecidinhos
Ficando sentado e calmo
Esperando os passarinhos.

Lá para as tantas da noite
Ele viu relampejar
Mas viu que não tinha nuvens
Nem queria tropejar
Era um bando de pássaros
As serras a clarear.

As aves chegando ali
P'ra beber na linda fonte
Viram sementes de ouro
Espalhadas nesse monte
Foram catando entretidas
Sem olharem o horizonte.

Ele jogou a redinha
Nessa hora de prazer
Como que por um mistério
Ouviu um pássaro gemer
E era o Pássaro de Fogo
Que a rêde vinha a trazer!

Estando bem amarrado
O cavalo ali chegou
Joãozinho passou-lhe a perna
Ele logo desertou
Para o palácio do rei
Que padeira levantou.

Chegando João entregou
O passarinho ao rei
O rei disse: — Mas, Joãozinho
Você é homem de lei
Tenho diversos presentes
Que com gosto lhe darei!

Então o servo invejoso
Disse: — E o rei meu senhor
Supõe que só êsse pássaro
Tem semelhante fulgor?
A Sereia do Mar Negro
Tem mais beleza e amor.

Joãozinho disse que sabe
Onde é a morada dela
E se quisesse pegava
Essa tão linda donzela
Que habita no rochedo
Onde o mar se encapela.

O rei disse: — Chame êle
Logo o criado atendeu
Não demorou dez minutos
João a êle apareceu
Disse o rei: — P'ra não morrer
Faça êste mandado meu:

Você diz que sabe bem
Aonde mora a sereia
Nos rochedos do Mar Negro
Linda como a papa-ceia
Ou igual às seis da tarde
Quando surge a lua cheia.

O rapaz quis lhe dizer
Que daquilo era inocente
Disse o rei: — Se não trouxeres
Te porei numa corrente
E depois tua cabeça
Rolará incontinenti!

Joãozinho foi chorando
Visitar o seu cavalo
Que perguntou: — Meu amigo
O que fez contrariá-lo?
Será o peste do rei
Que inda quer aperriá-lo?

Disse João o que passou-se
E êle lhe disse assim:
— Diga ao rei que para isso
Quer ouro, prata e rubim
Tudo em jóias fascinantes
De alfinete e querubim.

Depois que tudo obteve
Montou-se no seu cavalo
Que peneirava tão leve
Que não se sentia abalo
Como o vento sibilante
Das serras do Santa Galo.

Depois de galgar montanhas,
Picos, rochedos, penhascos
Chegaram à borda do mar
Que à noite beijavam os astros
João estava cansado
E o animal "sem os cascos".

João levava um assobio
Quando no ponto chegou
Meia hora mais ou menos
Êle ali assobiou
Depois que tôdas as jóias
Sôbre uma pedra botou.



A sereia lá no mar
Que ouviu o assobio
Mergulhou p'ra o lado dêle
Com um rebolado macio
Donzela, virgem dos mares
E mãe das águas do rio.

Ela vinha acompanhada
Com suas virgens donzelas
Numa barquinha de ouro
Vencedora das porcelas
Joãozinho ali acenou
Lindas jóias para elas.

A barca foi encostada
Ao rochedo de Vitória
A beleza da sereia
Ultrapassa tôda história
João ficou esperando
A sua estrêla de glória.

Ela a João interrogou:
— Que andas fazendo aqui?
Ele disse: — Eu viajava
Mas o caminho perdi
Quero vender-te estas jóias
Que só servem para ti.

Ela, parecendo um anjo
Já se vem tôda dengosa
O seu cabelo sedoso
Cobria a face formosa
Um calçãozinho de flôres
Cada seio era uma rosa.

Seus lábios eram rosados
Que pareciam romã
As palmas de suas mãos
Como as nuvens da manhã
Os seus olhos redondinhos
Como os da curimatã.

Quando ela olhava as jóias
Ele disse: — Meu benzinho
O que fêz eu vir aqui
Foi sonhar com teu carinho
Se sem você eu voltar
Morrerei sem ter padrinho.

Meu rei mandou te buscar
P'ra no palácio viver
Sômente pela beleza
Que outra igual não pode ter
Garanto por tua vida
Mas sem ti eu vou morrer.

Ela disse para êle:
— Reconheço esta verdade
Eu não sou monstro marinho
Sou filha de majestade
Fui encantada por gênios
Desde a grande antigüidade.

Conversando ainda estava
Ouviram um berro no mar
Que as águas assoberbaram
Como o mundo a se acabar
Ela disse para João:
— O gênio vem nos matar!

Apareceu logo perto
Um monstro de fazer medo
A cabeça parecia
Um monstuoso rochedo
Cada tapa no terreno
Derrubava um arvoredo!

A sereia já tremendo
Gritou pelo deus do mar
Porém João e sua espada
Já tratou de empunhar
E o monstro de vinte pernas
P'ra o lado dêle a pular.

João mandou sua espada
Na cabeça dessa fera
Mas ela jogava fogo
Igualmente uma cratera
● Quando chegava o cavalo
Raivoso como pantera.

Aí a luta cresceu
Foi uma briga danada
Lutava o monstro de sôco
Joãozinho com a espada
Ia o cavalo de dente
Pior era a sapatada.

Certa hora uma espadada
Acertou bem no umbigo
Furando as tripas vazou
Uma coisa que eu não digo
Joãozinho com o cavalo
Venceram seu inimigo.



O monstro já bem ferido
Tratou de se retirar
Encolheu pernas e rabos
Caiu nas ondas do mar
Ainda hoje no Mar Negro
Vê-se a água borbulhar!...

Uma pedra que voou
Das patadas do cavalo
Pegou no pé da sereia
Cortando que nem um ralo
Depois da dor ela riu
Sentindo o maior regalo.

Porque na hora bendita
Ela se desencantou
Se encantada era bonita
Muito mais se transformou
Era uma divina pérola
Que Vênus dela invejou.

João descansou um pouco
Mas vendo aquela beleza
Quis dar um beijinho nela
Mandado da natureza
Mas, lembrou-se do monarca
Quis honrar a realeza.

Montou-se no seu cavalo
Pondo a jovem na garupa
O cavalo, de alegria
Dava salto, dava upa
De volta, pulando serras
Riachos e catadupa.

Quando chegou ao palácio
Que o rei viu a beleza
Era a hora do almoço
Mas levantou-se da mesa
Como que petrificado
Diante da boniteza.

Vendo face tão rosada
Cabelinho a nazareno
De flôres do paraíso
Seu calçãozinho pequeno
Mostrando pernas macias
Como flôres no sereno.

O rei, depois de animar-se
Disse: — Linda princezinha
Há muito tempo morreu
Aqui no reino a rainha
Eu só mandei lhe buscar
Para ser espôsa minha.

A donzela respondeu-lhe:
— Eu de tudo estou ciente
Mas sua idade não dá
Porque estás decadente
Eu sou nova como vês
Não é bem conveniente.

O monarca retrucou-lhe:
— Sou velho, porém sou nobre
Além de ser majestade
Sou dono de ouro e cobre
Depois de eu dizer palavra
Outra fala não encobre!

Ela disse: — Soberano
Nobreza tenho demais
Sou filha do rei Netuno
Das terras orientais
Fui encantada por gênios
De estirpes imperiais.

Conservei a mocidade
Com o elixir milagroso
Que se chama Longa Vida
Mas está muito custoso
Mas, se o senhor arranjasse
Seria então vitorioso.

O rei chamou o criado
O traidor invejoso
E perguntou onde tinha
O elixir misterioso
Que queria da sereia
Ser o digníssimo espôso.

O criado disse: — João
Falou que sabe onde tem
Esse elixir de prodígio
Que serve de todo o bem
Quem tomá-lo viverá
Cinqüenta mil vêzes cem.

O rei disse: — Vá Joãozinho,
Me buscar o elixir
Se não me casar agora
Tenho de me consumir
Pois a donzela-sereia
É uma estrêla a sorrir.

João disse para o cavalo
O mandado do seu rei
Que não trazendo o remédio
Cumpria a pena da lei
O cavalo disse: — João,
Em tudo te ajudarei.

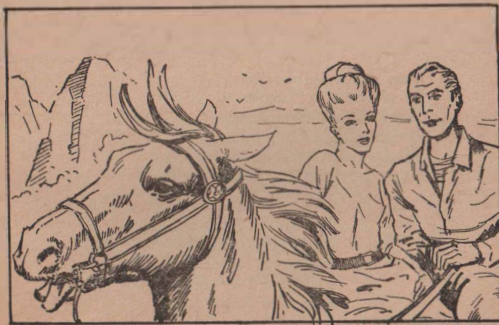
Peça ao rei duas garrafas
Que sejam elas tão leves
Que tenham a imitação
Do pêso que tem as neves
E traremos o remédio
E a mim tu nada deves.

João pedindo as garrafas
O rei a êle entregou
Êle montou no cavalo
Este logo desterrou
Emparelhando com o vento
P'ra trás o vento ficou.

Com quatro dias chegou
No Bosque da Maravilha
Onde havia uns passarinhos
De diferente família
Que era difícil cairem
Em conversa ou armadilha.

Porém êsses passarinhos
Por meio misterioso
Possuíam água fluida
No bosque silencioso
Era o poço do remédio
Do elixir prodigioso.

O rapaz chegando ali
Pegou um dos passarinhos
Êle muito chirriou
Com grasnado e piozinhos
Que as aves velhas vieram
Muito aflitas, dos seus ninhos.



— Solte, solte meu filhinho!
 Disse uma ave, chorando
 — Só soltarei o teu filho
 João assim foi explicando
 Se me deres do remédio
 Para um velho venerando.

O passarinho choroso
 Lhe disse: — Nobre senhor
 Para soltares meu filho
 Faço que pedido fôr
 Pois temos o elixir
 Não precisa usar rancor.

As garrafas amarradas
 O pássaro saiu com elas
 Voou sôbre a cordilheira
 Vencendo as fortes procelas
 Foi buscar o elixir
 Na fonte das Águas Belas.

Com dez minutos apenas
 Lá se vinha o passarinho
 Trazendo as duas garrafas
 Penduradas no biquinho
 Baixou num ramo de flôres
 Deu o remédio a Joãozinho.

Joãozinho para provar
 Do remédio o valor
 Matou a ave-refém
 Depois untou com o licor
 A ave bateu as asas
 E disse: — Deus é doutor!

Dizendo isso voou
 Pousando num espinheiro
 Cada pai estava ali
 Cantando bem prazenteiro
 Joãozinho disse: o remédio
 É mais do que verdadeiro.

Montou-se no seu cavalo
 Que rasgou o matagal
 Transpôs o Rio do Ouro
 A Montanha do Cristal
 E chegou vitorioso
 No palacete real.

— João, você é o tal...
 O rei assim lhe falou
 Mas só depois que o rapaz
 O seu remédio entregou
 Também disse p'ra sereia:
 — Nossa vez hoje chegou.

A sereia disse ao rei:
 — Agora p'ra renovares
 Manda que João te decape
 A cabeça, sem pensares
 Untaremos o elixir
 Jovem há de levantares!

O rei disse: — Deus me livre
 De cortar o meu pescoço
 Casar quero, também quero
 Nesta hora ficar moço
 Mas, para chupar a fruta
 Eu dela tiro o caroço.

A sereia que sabia
O valor do elixir,
Disse para o soberano:
— Então João vai consentir
Nós cortamos seu pescoço
E êle há de ressurgir.

Joãozinho que tinha visto
A ave ressuscitar
Consentiu que seu pescoço
Poderia se cortar
O rei baixou-lhe a espada
Viu a cabeça rolar!...

A sereia bem depressa
Pôs o crânio no lugar
Quando untou o Longa Vida
Viu João se levantar
Tendo no lugar do corte
De ouro um lindo colar!

Vendo o rei êsse milagre
Foi dizendo: — Agora sim
Quero ser tão atraente
Como anjo querubim
Ser jovem e ser casadinho
Não acho coisa ruim!

Pode tirar-me a cabeça
Que o amor é coisa boa
Ressuscitando recebo
Na juventude a coroa
Joãozinho com essa ordem
Com sua espada cortou-a...

Naquele instante, a sereia
Jogou fora o elixir
E o velho decapitado
Continuava a dormir
Foi o sono para sempre
Sem passado e sem porvir.

A donzela disse ao povo
E aos presentes juízes
— Há pessoas que por gôsto
No mundo são infelizes
Há mestres que na escola
Aprendem dos aprendizes.

Palavra de rei não volta
O que êle manda se faz
De tirar sua cabeça
Êle ordenou ao rapaz
Porém, rei morto, rei pôsto
Esta é a lei dos reais.

Êste moço é estudado
Também tem dignidade
Venceu o gênio maldito
E agora a majestade
Ê digno de ser o rei
Daqui à posteridade!

Serei eu a sua espôsa
Governaremos na lei
Êle me fêz benefício
A êle agradecerei
E viva o Dom João Primeiro!
Viva, viva o nosso rei!

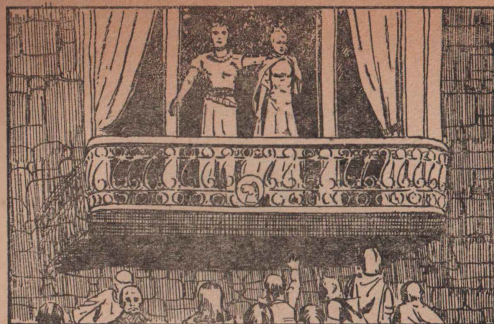
Nessa grande sugestão
O exército o aclamou
O povo todo aplaudiu
E a justiça aprovou
Que entre fogos e vivas
A Joãozinho coroou.

O empregado invejoso
Embusteiro e traidor
Chegou aos pés de Joãozinho
Dizendo: — Rei, meu senhor
Quer água para seu banho?
Já está no aquecedor.

Disse o monarca p'ra êle:
— Seu emprêgo continua
Matar piolhos nos porcos
Catar ovos de perua
Lavar a estrebaria
E varrer lixo na rua!

O criado, ouvindo isso
Arribou de mundo afora
Não se sabe do caminho
Por qual êle foi embora
Já foi um pouquinho tarde
P'ra não morrer nessa hora.

O enlace de Joãozinho
Com a princesa sereia
Foi às dez horas do dia
Na igreja da aldeia
Convidando a vizinhança
Era gente como areia.



Dava gosto a gente ver
A princezinha adorada
Com ramalhete de flôres
Além disso coroada
O cabelo pelos ombros
Caindo em trança anelada.

Aquela face rosada
Só tinha o puro perfume
Quem visse seu ar de riso
Tinha prazer e ciúme
Seus olhinhos cintilando
Como à noite o vagalume.

Leitor, voltemos agora
À praia do grande mar
Onde a sereia nas ondas
Vinha num barco a remar
Junto com suas donzelas
Quando ouviu assobiar.

O barquinho era encantado
E as donzelas também
Era sômente em visão
Que todo mistério tem
Tudo era do reinado
Dessa sereia de além.

O cavalo também era
Um gênio bem transformado
O velhinho que o vendeu
Era o chefe do reinado
Joãozinho para a princesa
Já era predestinado.

Prova é que quando o rei
Depois do seu casamento
Foi procurar o cavalo
Não estava no aposento
E não teve mais notícia
Virou-se em nuvem de vento.

O tostão que o padrinho
De Joãozinho a êle dera
Pelo velho fôra achado
Na quadra da primavera
Dentro da areia marítima
Também encantado era.

O rei João não matou
Aquêlê servo invejoso
Ele também fêz a fôrça
De João ser vitorioso
Do mal é que nasce o bem
E o bem parece maldoso.

Joãozinho mandou buscar
Os pais para companhia
A sua espôsa fiel
Os quis com muita alegria
Ainda hoje existem reis
Dessa genealogia.

Aquela pena de ouro
Que João achou na areia
Serviu para êle ser
Monarca de grande aldeia
Também com ela escrevi
O romance da sereia.



ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

NOSSA SENHORA DE LOURDES — História completa das famosas aparições de Lourdes à menina Bernadete. As assombrosas revelações que assombraram o mundo todo, contendo as mensagens do céu aos homens. Uma história repleta de lances inolvidáveis. Aprovada pela Curia Metropolitana.

NOSSA SENHORA DA SALETTE — História de Nossa Senhora da Salette, protetora dos Agro-pecuáristas. Toda força da fé numa obra simples em seu estilo, mas rica de momentos que não serão facilmente esquecidos pelos leitores. Aprovada pela Curia Metropolitana.

SANTA ISABEL — A história da suave rainha de Portugal, que sendo rainha, foi a mais humilde das mulheres. O maravilhoso milagre das rosas, descrito em páginas palpitantes. Contém as orações, hinos e conselhos religiosos. Aprovado pela Curia Metropolitana.

SANTA RITA DE CÁSSIA — História completa e novena da maravilhosa vida de Rita de Cássia, que foi conduzida ao convento por Santo Agostinho, São João Batista e São Nicolau Tolentino. Aprovada pela Curia Metropolitana.

SANTA CATARINA — Virgem e Martir. Uma das poucas obras que narra com minúcias o sofrimento e a glória de Santa Catarina, a princesa que morreu pela fé, que preferiu o martírio à todas as glórias que um trono poderia oferecer. Aprovado pela Curia Metropolitana.

SÃO JUDAS TADEU — História completa e novena do Santo-Apostolo, primo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que recebeu d'Ele força e energia, em sinal de confirmação à doutrina de Cristo. Aprovada pela Curia Metropolitana.

SANTO ANTONIO — Sua vida e suas obras. Toda grandeza de uma existência dedicada a Deus. A história do glorioso santo que tantos milagres realizou em vida e que continua realizando depois de morto, agora incorporado à Corte Celeste. Aprovado pela Curia Metropolitana.

SÃO JOÃO BOSCO — História real e palpitante de um dos mais luminosos santos da Igreja. São João Bosco, que amava as crianças, e que dedicou toda sua vida à prática do bem. Edição fartamente ilustrada e aprovada pela Curia metropolitana. Um livro que ilumina e mostra o caminho do bem.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**

Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

7667



Um livro para ser lido
por pais e filhos.

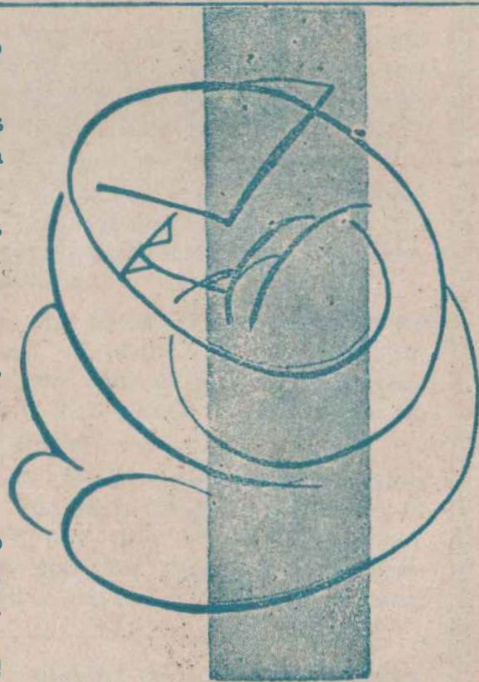
A verdade que todos
DEVEM saber sôbre a
vida sexual.

A verdade que todos
os pais DEVEM ensi-
nar aos filhos, sôbre
os problemas do sexo.

A verdade que todos
os filhos DEVEM a-
prender dos pais, sô-
bre os problemas do
sexo.

Um livro para ser lido
por qualquer pessoa
em qualquer lugar...

UM LIVRO COMPLETO



Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — São Paulo 6